



AFETOS GERADOS POR AMBIGUIDADES DE GÊNERO NO SEGUNDO ANO DO FUNDAMENTAL

AFFECTIONS GENERATED BY GENDER AMBIGUITIES IN THE SECOND YEAR OF ELEMENTARY SCHOOL

Gustavo de Paula Resende¹
Universidade Federal de Juiz de Fora

Maria Eduarda Araújo Barros²
Universidade Federal de Juiz de Fora

Maria Mar Daniel de Almeida³
Universidade Federal de Juiz de Fora

Annelise Nani da Fonseca⁴
Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre a presença de corpos dissidentes dos estagiários do Pibid, fora dos padrões sociais convencionais, para pensar as vivências individuais no sentido de diversidade no segundo ano do Ensino Fundamental. Baseia-se a partir dos questionamentos e dúvidas dos estudantes acerca de identidade e expressão de gênero dos bolsistas. As reflexões foram feitas por meio de relato e análise de experiências vividas durante as atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no Colégio de Aplicação João XXIII juntamente com o auxílio dos estudos de autores que pensam a teoria de gênero nas escolas. O arcabouço teórico utilizado perpassa por estudos como Cultura Visual, gênero, sexualidade e estereótipos. O trabalho conclui que, para além da docência em si, a presença de corpos dissidentes pode afetar positivamente as vivências em sala de aula e introduzir essas questões com naturalidade e menos preconceito.

Palavras-Chave: PIBID. Diversidade. Gênero. Corpos Dissidentes. Estereótipos.

¹ Bacharel em Artes e Design pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Licenciando em Artes Visuais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Técnico em Administração pelo SEBRAE Theotonio Baptista de Freitas. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-3532-9941>

² Licencianda em Artes Visuais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-4065-7343>

³ Licencianda em Artes Visuais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3087-5575>

⁴ Artista Visual e Professora Adjunta da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) no Departamento de Artes e Design (IAD). Doutora em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Design pela Anhembí Morumbi (UAM), bacharel e licenciada em Artes Visuais, bacharel em Moda e Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR). Contato: anne_nani@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3680077368397791> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3999-4730>



ABSTRACT

This article aims to reflect on the presence of dissident bodies of Pibid interns, outside conventional social standards, to think about individual experiences in the sense of diversity in the second year of Elementary School. It is based on the questions and doubts of students about the gender identity and expression of scholarship holders. The reflections were made through reports and analysis of experiences lived during the activities of the Institutional Program of Scholarship for Teaching Initiation (PIBID) at Colégio de Aplicação João XXIII together with the help of studies by authors who think about gender theory in schools. The theoretical framework used permeates studies such as Visual Culture, gender, sexuality and stereotypes. The work concludes that, in addition to teaching itself, the presence of dissident bodies can positively affect classroom experiences and introduce these issues naturally and with less prejudice.

Keywords: PIBID. Diversity. Gender. Dissident Bodies. Stereotypes.

INTRODUÇÃO

O presente artigo surge a partir da observação de alguns meses de experiência na bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da área de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). A vivência de uma bolsa como essa é sempre uma excelente oportunidade para formação de estudantes de graduação. Nela podemos desenvolver habilidades como percepção das necessidades do dia a dia na sala de aula e traquejo prático para lidar com os desafios da docência, além de gerar um diálogo interessante tanto com estudantes da Educação Básica quanto com docentes com ampla experiência em sala de aula.

Nos primeiros meses do ano de 2023, o Instituto de Artes e Design da UFJF iniciou um processo seletivo para alunos do curso de Licenciatura visando preencher bolsas remuneradas do PIBID. Após o processo de seleção, os estudantes aprovados foram designados para instituições diferentes. Os três graduandos que compuseram o presente artigo foram designados para o Colégio de Aplicação João XXIII, instituição federal de educação básica parte da UFJF, e compartilharam vivências nas mesmas turmas de 2º ano do Ensino Fundamental.

Recebidos no CAp pela equipe de Artes, inicialmente os bolsistas foram orientados pelo professor Pedro Dutra, de Música, e pelo professor Luís Carbogim, de Artes Visuais, na ausência inicial da professora doutora Renata Caetano, orientadora do PIBID em Artes Visuais na instituição, que por questões de saúde ficou ausente durante as semanas iniciais. A recepção de todos foi excelente e a



partir daí deu-se início um processo de imersão na docência e dos contextos de uma sala de aula. Nesse movimento de aproximação, alguns pontos em comum foram observados e isso gerou a base inicial deste artigo. Nossa proposta é fazer a junção de percepções relativas a experiências vividas durante o nosso tempo de participação.

Após compartilhamentos de situações e relatos chegou-se à conclusão de que o ponto em comum do nosso trabalho em 2023, seria refletir sobre qual é o impacto que a presença de nossos corpos dissidentes, de formas distintas, pode gerar numa sala de aula do Ensino Fundamental. Apoiamo-nos em questões culturais e sociais aplicadas à escola, como os Estudos de Cultura Visual, questões de gênero e sexualidade e impactos de estereótipos na educação, construímos um relato de experiência sobre os meses vividos. Autores como Vygotsky (1984), João Paulo Balisnei (2019), Susana Rangel Cunha (2005), Berenice Bento (2011), Guacira Lopes (1997) e outros serão a base conceitual para a desenrolar das ideias do texto.

Este estudo teve como propósito a compreensão, análise e reflexão a respeito da presença dos corpos dissidentes dos bolsistas e da diversidade no ambiente educacional, com base nas experiências ocorridas na sala de aula com alunos do segundo ano do Ensino Fundamental. As reflexões, oriundas dos relatos individuais dos participantes, foram conectadas a conceitos e teorias pertinentes aos temas abordados.

Para atender aos objetivos delineados, optou-se por uma abordagem qualitativa, reconhecendo a singularidade das vivências e a impossibilidade de quantificá-las (MINAYO, 2002). Este estudo assume uma natureza descritiva, configurando-se como um relato de experiência embasado nas vivências de três bolsistas do PIBID. As experiências foram vivenciadas durante o período compreendido entre julho e dezembro de 2023, no Colégio de Aplicação João XXIII, situado em Juiz de Fora.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Maria Mar



Estar em um ambiente escolar enquanto uma pessoa trans já é um movimento contracorrente. Ocupar efetivamente esse lugar, principalmente na posição de arte/educadora em processo de formação, se torna ainda mais desafiador e, infelizmente, raro. Esse é o caso da licencianda Maria Mar. Pensar o corpo pedagógica e performativamente (SILVA FILHO; CARVALHO, 2023) é essencial para a compreensão de que a performance corporal da ideia de gênero provoca movimentações na escola, não apenas externas, como sugerem Silva Filho e Carvalho (2023): “Travestis, ao ocupar dados espaços e, por isso, alternando as vivências dos regimes da imagem [...] subvertem o cis-tema e tensionam a criação de espaços onde ser trava tem a conotação de ir ao interior de si em busca de conhecimento” (p. 231-232).

A infância é um período de profundas elaborações, e “o mundo infantil se constrói sobre proibições e afirmações” (BENTO, p. 551, 2011) que confrontam algumas existências dissidentes. Em outros momentos, já aconteceu com Maria Mar de famílias entrarem em contato com o colégio para questionar a presença de uma pessoa trans naquele espaço, uma vez que no imaginário social mulheres trans não podem ocupar espaços institucionais. Nessa turma de segundo ano a preocupação se manteve. Os passos iniciais foram cautelosos e amedrontados, mas surpreendentemente, as crianças pouco se importaram com a questão do gênero. Sem serem contaminadas pelos preconceitos do mundo adulto elas não estão preocupadas em identificar uma mulher cisgênero ou transgênero, porque eles apenas observam os estereótipos de uma dita feminilidade, uma construção introjetada pela Cultura Visual. Assim, “[...] a maioria das crianças tem acesso, quase irrestrito, aos diferentes artefatos visuais que de muitas formas promovem suas pedagogias intencionalmente [...]” (CUNHA, 2005) criando narrativas a partir dessas imagens.

Se identidade de gênero não foi uma questão, outras características da bolsista levaram a comentários desagradáveis. Uma aluna disse que Maria estava muito gorda. Apesar de não ser gorda, a falta de reação é inevitável, não por causa do comentário em si, mas com a naturalidade que uma criança solta um comentário tão ácido e maldoso. Essa fala veio de algum local construído por terceiros na mente



da menina. Ela sozinha não chegaria a essa conclusão, muito menos exporia tal ideia com tanta insistência. Trata-se de algo importante, visto que isso nos faz atentar para como os estereótipos, segundo João Paulo Baliscei (2019), constroem ideias e limitam visões e a partir disso, como arte/educadores, trabalhar estratégias “que contribuam para sua desestabilização do estereótipo analisado” (BALISCEI, p. 294, 2019).

Gustavo

O bolsista Gustavo é um homem gay cisgênero⁵ branco, mas a sua expressão de gênero⁶ é andrógina⁷. Isso significa que utiliza roupas das seções masculinas e femininas das lojas sem fazer distinção de gênero. Segundo ele, tem uma aparência andrógina para a maioria das pessoas, não é incomum que o perguntem na rua se é *não-binária* (identidade de gênero) ou trans, menos incomum ainda são os ataques LGBTfóbicos sob xingamentos e o imperativo “vira homem”. Além das roupas, tem cabelo bastante comprido e não tem qualquer resistência ao uso de maquiagens. O curioso é que sua aparência em sala de aula costuma ser mais suave quanto a essas ambiguidades, pois utiliza roupas pretas com corte comum e brinco, e mesmo assim a sua presença gerou estranhamento nos estudantes.

Desde o primeiro dia, suas expressão e identidade de gênero foram questionadas pelos estudantes. No primeiro dia de aula, as crianças já perguntavam se ele “era menino ou menina”. Um aluno, o Enzo⁸, então gritou para toda a sala ouvir: “Eu sei que você não é menina!”. Então, quando chegou a vez do Gustavo se apresentar, ele disse que era um menino. Por vezes alguns alunos o chamavam de “tia” para pedir orientação, mas não parecia ser algo agressivo, apenas um ato

⁵ “Pessoa cuja identidade de gênero e sexo atribuído no nascimento estão alinhados (por exemplo, uma pessoa se identifica como homem e foi identificada ao nascer como sexo masculino)” (CoE Glossary, p.1, 2022).

⁶ “Formas pelas quais uma pessoa comunica seu gênero a outras pessoas por meio de seu comportamento, vestuário, penteado, voz, etc.; a expressão de gênero não é uma indicação de identidade de gênero ou orientação sexual” (CoE Glossary, p.2, 2022).

⁷ “Expressão de gênero que possui tanto elementos femininos como masculinos” (CoE Glossary, p.1, 2022).

⁸ Todas as crianças serão citadas sob nomes fictícios.



confuso ou desatento. Encarou como uma curiosidade infantil, afinal, é possível que as crianças não convivam com pessoas como ele, mas ele não soube exatamente como se sentir e reagir a esses acontecimentos.

Os próximos dias seguiram mais ou menos da mesma forma. Ele estava esperando as crianças se acostumarem com a sua presença enquanto estava aprendendo a lidar com elas, pois anteriormente das atividades do PIBID, não teve muitas experiências com crianças tão pequenas. Foi quando aconteceu a primeira troca de turmas: um sistema criado pelos professores de Artes Visuais e Música do colégio em que as turmas são divididas. A metade faz aulas de Artes Visuais durante um período que é decidido pelos dois docentes, enquanto a outra está na aula de Música. Uma menina, a Camila, olha para ele e começa a exclamar com indignação: “Sangue de Jesus tem poder! Eu devo estar com catarata! Não é possível, eu estou mesmo cega! Eu tô vendo um menino de cabelo comprido e uma menina de cabelo curto, tá tudo errado!”. Mais uma vez ele não soube como reagir, apenas sustentou um sorriso amarelo e foi fazer as minhas obrigações.

Em um determinado momento o caderno de processos criativos de uma das alunas caiu no chão e se abriu. Então ele se abaixou e organizou as folhas, pegou o caderno e se levantou. Isso foi o suficiente para que os alunos comesçassem a rir e imitar a forma de agachar como se ele estivesse rebolando. Um menino, o Fernando, se aproximou e começou a performar trejeitos estereotipados “de gay”, mexendo as mãos e andando rebolando de forma jocosa. Os bolsistas conseguiram fazer com que ele se sentasse novamente. Pouco tempo depois, o grupo da Camila composto por três meninas olhava para Gustavo, cochichava e dava gargalhadas. Chegaram a chamá-lo, em meio às gargalhadas, para perguntar novamente se era menino ou menina e perguntar se namorava. Deram a entender que ele deveria namorar a sua colega bolsista Maria Mar, que prontamente se aproximou e acabou com a discussão. Nesse dia, segundo ele, voltou para casa triste e frustrado, pensando em como poderia melhorar sua postura como figura de autoridade em sala de aula, impor limites e conquistar o respeito dos alunos.

Após as férias, as risadas e cochichos se repetiram. Neste momento, os bolsistas já haviam digerido todo o ocorrido e conseguiram controlar a situação antes que escalasse para algum tipo de importunação. No fim da aula, relataram



para a professora sobre tudo que já aconteceu nas aulas. Ela, então, conversou com os alunos em um momento em que os bolsistas não estavam presentes e repreendeu de forma geral a sala pelo ocorrido. Segundo a professora, ela pretendia ter esta conversa na presença de todos, mas decidiu agir o quanto antes, que, por acaso, foi em um horário fora da grade do PIBID. Ainda segundo ela, a reflexão girou em torno dos pré-conceitos que tentamos aplicar às pessoas que não conhecemos e como utilizamos disso, por vezes, para ferí-las. Além de que precisamos respeitar a aparência e decisões que cada um tem sobre o seu corpo. Depois dessa intervenção, as aulas seguiram com mais naturalidade. Afinal, é necessário estabelecer alguns limites com as crianças.

Maria Eduarda

Durante sua trajetória no Colégio de Aplicação João XXIII, a bolsista Maria Eduarda adquiriu novas percepções sobre a dinâmica da sala de aula e seus frequentadores. A interação entre educandos e educadores revela as nuances dessas trocas. Em um curto período, já foi possível constatar os desdobramentos dessas interações. Destaca-se a notável distinção na forma como os alunos se dirigiam aos bolsistas do PIBID, muitos demonstravam uma intimidade considerável e sem filtros. Essa dinâmica ocasionou questionamentos que, sob o olhar da estudante, carregavam uma complexa problemática, levando-a a refletir sobre a sociedade em que essas crianças estão imersas, considerando que o olhar é uma construção sociocultural que demanda mediação para ser ensinada e aprendida (BALISCEI, p. 284, 2019).

A situação que testemunhou e participou envolvia questionamentos acerca da expressão visual e identidade de gênero. Com cabelos curtos e se identificando como uma mulher cisgênero; no entanto, na perspectiva das crianças, essa característica foi percebida como algo atípico e confuso. Esses sentimentos se ampliaram ao observarem Gustavo, um colega bolsista, sendo um homem com cabelos compridos. Essa situação levou-a a questionar o porquê do espanto dessas crianças e como elas não conseguiram assimilar com naturalidade imagens que divergem dos estereótipos. Acredita-se que o persistente binarismo de gênero, que



divide a existência entre feminino e masculino, exerça uma grande influência nesses questionamentos, negando a possibilidade de uma mistura de estereótipos e perpetuando preconceitos associados à expressão visual individual, conforme afirmado por Berenice Bento (2011): “As ‘confusões’ que uma criança faz ao misturar os dois mundos (o masculino e o feminino) são interpretadas pelo olhar atencioso das instituições, como um indicador de uma homossexualidade latente” (p. 552).

A análise desses eventos levanta a preocupante influência do binarismo de gênero na negação da diversidade e na perpetuação de preconceitos, como ressalta Berenice Bento (2011). Diante disso, conclui-se que a promoção da representatividade e da exposição visual à diversidade na educação é fundamental para desconstruir padrões e abrir espaço para uma convivência mais inclusiva e respeitosa.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Apesar da diversidade de corpos não se tratar diretamente de um conteúdo campo da arte, sendo uma temática transversal, os professores de artes bem como suas aulas, consistem em um espaço mister para o enfrentamento de estereótipos e preconceitos justamente porque a presença destes profissionais na escola, já desperta reações sendo um convite para a desconstrução de conceitos cristalizados e para ampliar o repertório visual dos estudantes, conforme recomenda João Paulo Baliscai (2019).

A falta de enfrentamento aos estereótipos de gênero gera consequências negativas que refletem em uma identificação da sala de aula como um ambiente hostil e pouco acolhedor, o que pode gerar a perpetuação da ideia de escola como ambiente de violências. É importante destacar a potência da ação do professor, principal figura de autoridade em sala de aula, visto que sua atitude foi capaz de transformar a sala de aula para um ambiente mais saudável e inclusivo. No artigo de Berenice Bento (2011) “Na escola se aprende que a diferença faz diferença” (p. 556-557), ela cita a pesquisa feita por Mary Garcia Castro *et al*, em que professores relatam suas experiências com alunos LGBTQIAPN+ em sala de aula. O que foi



visto é que muitos professores percebem o preconceito e os ataques a esses alunos, mas poucos são os que fazem algo sobre, evitando discussões em sala de aula ou na escola sobre respeito, diversidade e diferença. O reflexo disso é que muitos alunos LGBTQIAPN+ abandonam os estudos pelo sofrimento e falta de suporte. Por isso, ressaltamos a necessidade da presença de professores diversos nas escolas que estejam capacitados para realizar estas discussões. Segundo Paulo Freire em seu livro *Pedagogia do Oprimido*:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida (FREIRE, 2005, p.15).

Dessa forma a didática do arte/educador oprimido passa a ser entendida como poética conforme propõem Juilo Groppa Aquino (2018), sendo instaurada a partir da conscientização da presença do seu corpo dissidente, sendo explorado como mais um recurso didático a ser problematizado a partir das reverberações que ele provoca na turma, na escola e na comunidade escolar como um todo. Neste sentido, a própria aula de artes passa a ser concebida como um processo criativo performativo. Salienta-se ainda que, isso atrelado a uma curadoria de artistas e obras que discutam as performances de gênero potencializa essas discussões além de vincular aos conteúdos de artes (LOURO, 1997). Conforme explica Vygotsky (1984), é preciso considerar o processo de desenvolvimento infantil como algo influenciado pelas experiências sociais e culturais vivenciadas pelas crianças. A adoção dessa perspectiva reforça a necessidade de exposição visual dessas crianças à diversidade, contribuindo para desmistificar a estranheza em relação ao que lhes foi ensinado como diferente durante seus processos de socialização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Após a comparação dos relatos, fica claro que a imagem apresentada pelos bolsistas em sala de aula não passou despercebida. Isso demonstra que existe um contraste entre as figuras que as crianças estão acostumadas a ver na escola e no cotidiano com as que viram nas aulas com a presença dos bolsistas. É importante refletir acerca das possíveis razões para esse estranhamento, e aqui evidencia-se a Cultura Visual que reflete, entre outros aspectos, as normas de gênero e sexualidade da sociedade. Segundo Fernando Hernández,

[a] Cultura Visual contribui para que os indivíduos fixem as representações sobre si mesmos e sobre o mundo e sobre seus modos de pensar-se. A importância primordial da cultura visual é mediar o processo de como olhamos e como nos olhamos, e contribui para a produção de mundos” (HERNÁNDEZ *apud* CUNHA, p. 7, 2005).

Ao observar quais os referenciais visuais dos alunos, principalmente aqueles disponibilizados pela escola, encontra-se um problema. As imagens que representam meninos e meninas nos materiais didáticos apresentam marcadores de gênero bem definidos, que vão desde a paleta de cores utilizada, peças de roupa, os cílios, até (e sem nenhuma surpresa), o comprimento dos cabelos. A imersão dos estudantes em um mundo de imagens que estereotipam gênero, onde cada produto, brinquedo, produção audiovisual direcionados para crianças delimitam uma cisheteronormatividade, os fazem acreditar que não existe outra forma de ser e estar no mundo. Como consequência, qualquer um que saia da norma é visto como desviante, patológico e motivo de escárnio. Isso afeta o desenvolvimento de suas próprias identidades e autoestima. Diante dessa problemática, percebe-se na escola um espaço em que possibilitaria o estudo e a desconstrução dos estereótipos sociais. Segundo Susana Cunha:

Nos espaços educativos, devemos sugerir e desenvolver um olhar aguçado e crítico sobre as imagens das mais diferentes produções culturais. Ou seja, todas as produções imagéticas, da História da Arte, às produções fílmicas, televisivas, e tantas outras, apresentam, formulam, visões de mundo, portanto é necessário entendê-las em seus contextos e circulação nos perguntarmos: o que geram, o que dizem e como nos afetam? (CUNHA, p.23, 2005).



E no que diz respeito aos afetos gerados que Susana Cunha traz no trecho, devemos, enquanto arte/educadores refletir sobre a educação que possibilitamos ser criada em sala de aula. Não há mais espaço para uma educação restritiva e presa às amarras cisheteronormativas de gênero. É preciso desafiar as estruturas mantenedoras de opressões que fazem das salas de aula um espaço intolerante. E isso se estende também ao contexto de pesquisa sobre essas temáticas educacionais. Após a conclusão de uma das versões do presente artigo, foi enviada uma proposta para publicação em revista da cidade de Juiz de Fora-MG e a resposta dada reflete toda a crítica feita no texto. O corpo editorial preferiu a não publicação, apesar de sua aprovação pelo comitê científico, devido à delicadeza do tema e possíveis ruídos que possam ser gerados ao abordar gênero e arte/educação, principalmente em um ano eleitoral. Abaixo, é possível conferir a mensagem enviada aos autores comunicando a não aceitação.

Prezadas(o) autoras(autor),

O corpo editorial da Revista Cadernos para o Professor informa que o texto de sua autoria, "Afetos gerados por ambiguidades de gênero no segundo ano do fundamental" encontra-se em nosso banco de dados, e que não foi possível publicá-lo na edição do primeiro semestre de 2024, pois, em razão da temática, precisa ser apreciado pelo setor da Secretaria de Educação responsável pela Inclusão.

Assim que obtivermos retorno, encaminharemos o parecer e, caso seja aprovado e haja adequações a serem feitas, solicitaremos as devidas correções com vistas a publicar na edição do segundo semestre.

Contamos com sua compreensão e desde já agradecemos.

Favor acusar recebimento.

Fonte: Arquivo pessoal dos autores

As vivências didáticas proporcionadas pelo PIBID forneceram aos bolsistas um vislumbre de algumas problemáticas e dificuldades enfrentadas pelos



professores, mas também de situações enriquecedoras. Neste artigo, evidencia-se os afetos que as imagens pessoais dos bolsistas tiveram nos estudantes do segundo ano do ensino fundamental do Colégio de Aplicação João XXIII e quais diálogos foram possíveis de depreender desses afetos. Foram situações que irão reverberar na forma como cada um dos três bolsistas agirá como o/a professor/a que virá a ser.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa; CORAZZA, Sandra Mara; ADÓ, Máximo Daniel Lamela. *Por alguma poética na docência: a didática como criação*. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 34, 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/j/edur/a/83mPDtP5xnCmMDF4tJch9RH/abstract/?lang=pt>.

BALISCEI, João Paulo. *PROVOQUE - Problematizando Visualidades e Questionando Estereótipos: leitura de imagens fundamentada nos Estudos da Cultura Visual*. Educar em Revista, Curitiba, v. 35, n. 77, p. 283-298, set./out. 2019

BENTO, Berenice. *Na escola se aprende que a diferença faz a diferença*. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 19, n.2, p. 549-559, 2011.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. *Cultura visual, gênero, educação e arte*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <[www.anped.org.br/reunioes/31ra/4sessao especial/](http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/4sessao_especial/)> Acesso em: 18 de jan. 2024

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213 p. ISBN 8521900058.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: vozes, 1997.

MINAYO, M. C. (Org.) *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

Orientação Sexual, Identidade e Expressão de Gênero: Glossário de termos. Center of Excellence LGBTQ+ Behavioral Health Equity, 2022. Disponível em: <<https://lgbtgequity.org/wp-content/uploads/2022/05/CoE-Glossary-Portuguese.pdf>> Acesso em: 6 de abr. de 2024

SILVA FILHO, Luís Massilon da; CARVALHO, Mário de Faria. *Pedagogia da corpa travesti: performance, política e arte dissidente*. Revista Científica/FAP, Curitiba, v. 29, n. 2, p. 218-242, 2023.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.